

Um turismo afadistado

Uma análise dos usos turísticos e de lazer do fado nos bairros tradicionais de Lisboa

A afadistado tourism
An analysis of tourist use and fado of leisure in the traditional neighborhoods of Lisbon

Ricardo Nicolay de Souza*

Resumo: O fado é um gênero musical presente no cotidiano social e cultural dos portugueses desde o século XIX, com uma trajetória que ultrapassou fronteiras importantes. Este trabalho tem o objetivo apresentar uma análise sobre o uso turístico e **de lazer do fado** nos bairros tradicionais da capital portuguesa, mostrando as paisagens por onde o gênero circulou no passado e onde se encontra atualmente. Para tal, serão apresentados espaços e lugares por onde o fado transitou até consolidar-se como a maior representação cultural e identitária portuguesa e indissociável da imagem internacional de Portugal.

Palavras-chave: Fado; Lazer; Turismo.

Abstract: Fado is a musical genre present in the social and cultural daily life of the Portuguese people since the nineteenth century, with a trajectory that crossed important borders. This paper aims to present an analysis on the use of tourism and leisure of the fado in traditional neighborhoods of the Portuguese capital, showing the landscapes where the genre circulated in the past and its current location. For this will be presented spaces and places where fado moved to consolidate itself as the largest cultural and identity representation of the Portuguese people and inseparable of the international image of Portugal.

Keywords: Fado; leisure; Tourism.

Introdução

A história do fado tem início no século XIX e está entrelaçada por diversas teorias sobre suas origens. Eleito para a Lista Representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) em 2011, o gênero é considerado o mais importante símbolo musical da cultura portuguesa. Em 200 anos rompeu fronteiras econômicas, sociais, culturais e territoriais importantes, deixando o estigma de

* Aluno do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: ricardo.nicolays@gmail.com

música das classes mais pobres da sociedade portuguesa e tornando-se representativo da identidade de um país. Sua história é marcada pela transmissão oral, e a manutenção de sua tradição vem sofrendo inúmeras variações ao longo dos anos, sendo recriada e reinventada.

O fado faz parte do cotidiano social e cultural dos portugueses desde o século XIX, sendo usado como instrumento da luta pelos direitos políticos e trabalhistas e posteriormente como forma de entretenimento e divulgação da cultura portuguesa. Carvalho afirma que é “pelas canções populares que um país traduz mais lidimamente o seu caráter nacional e os seus costumes.” (Carvalho, 2003, p.21).

Desta forma, este trabalho tem o objetivo apresentar uma análise sobre o uso turístico e de lazer do fado nos bairros tradicionais da capital portuguesa, mostrando as paisagens por onde o gênero circulou no passado e onde se encontra atualmente. Para tal, serão apresentados espaços e lugares por onde ele transitou até consolidar-se como a maior representação cultural e identitária portuguesa, indissociável da imagem internacional de Portugal.

O fado ontem, hoje e amanhã

Muitas são as teorias sobre as origens do fado. Entre elas destaca-se uma que aponta para descendência da cultura afro-brasileira do gênero, a partir de matrizes como o lundu e a modinha (Carvalho, 2003); outra que defende a origem moura fazendo referência ao período em que o território português esteve ocupado pelos árabes (Carvalho, 2003); outra que o identifica como uma canção marítima, inspirado pelo “balanço cadenciado e murmurante” do mar (Brito, 2003, p.11); e uma que o apresenta originariamente como lisboeta, fundamentado nas classes mais pobres da sociedade portuguesa e posteriormente reconhecido pela aristocracia e pela burguesia que o transformaram em um produto comerciável e representativo da cultura local (Brito, 2006).

Consideramos todas as interpretações supracitadas, compreendendo que o fado é um gênero musical constituído principalmente por um extenso (e intenso) processo de trocas interculturais que promoveram uma multiplicidade infinita de interações, caracteristicamente *multinacional* e *multicultural*. Foram muitos os fadistas, músicos e poetas que ao longo dos anos realizaram grandes transformações estruturais, melódicas e performáticas no gênero, reinventando-o constantemente e tornando-o o símbolo musical mais valioso da cultura portuguesa.

Uma destas transformações realizadas no fado, até então considerado canônico, foi feita por Amália Rodrigues nas décadas de 1950 e 1960. A fadista alterou a estrutura musical do gênero cortando a repetição da primeira e da segunda parte das letras porque estrangeiros não compreendiam o idioma português durante suas apresentações no exterior. Ela repetia apenas quando havia uma palavra ou uma nota musical que a agradava muito. Segundo ela, é “um prazer que dou a mim mesma.” (Santos, 1987, p.58). Amália também ousou cantar ao maiores poetas portugueses, como Luís de Camões, o qual dedicou um disco inteiro. Além da estrutura musical, Amália também participou da reformulação performática do gênero, introduzindo vestidos e xales pretos, posicionando-se à frente dos músicos e colocando “a cabeça descaída para trás, oscilando ao sabor do fraseado, os olhos semicerrados, as mãos em oração ou os braços a abrirem-se para acompanharem o clímax final da obra.” (Nery, 2004, p.236)

As transformações de Amália abriram precedente para que as novas gerações também fizessem as suas mudanças. No início dos anos de 2000 o fado foi elevado a uma nova dimensão, inserido no circuito da *World Music*, onde sua importância foi direcionada para um novo patamar dentro do sistema produtivo musical em Portugal, abrindo seu mercado para o mundo. Em 2004, Nery assinalou que o fado é “hoje uma das correntes em maior afirmação no âmbito da chamada ‘World Music’ internacional e no seio desta é cada vez mais olhado como uma matriz identitária de nosso País. (Nery, 2004, p. 3)”

A indústria da *World Music* arrisca no “tráfico generalizado de produtos exóticos para o consumo das classes médias urbanas das grandes metrópoles ocidentais” (Nery, 2004, p.266). Neste cenário o fado se torna o grande candidato português, muito devido ao trabalho realizado por Amália, o que confere um grande reconhecimento internacional do país que, para ele, é “perdido na história, permanentemente de luto pelas suas glórias passadas, eternamente em viagem sem destino marcado” (Nery, 2004, p.207).

Tanto as transformações de Amália quanto as realizadas pelas gerações que se seguiram e a inserção no circuito da *World Music* proporcionaram a internacionalização do fado, fazendo com que a cultura portuguesa, principalmente musicalmente, fosse divulgada em outros países e, talvez assim, despertando o interesse para se conhecer a capital do fado, um dos muitos apelidos conferidos Lisboa. Outro fator importante ocorreu em 2011 com a eleição do gênero para a Lista Representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Unesco. Este processo

mercantilizou ainda mais o gênero. À altura, o editor do selo SevenMuses, Samuel Lopes, reconheceu que

a quantidade [dos discos] aumentou substancialmente, porém, não se pode dizer o mesmo em relação à qualidade ou até mesmo à novidade, mais do mesmo com variação apenas dos preços que decresceram substancialmente devido à crise que afecta violentamente toda a indústria discográfica.¹

Ele afirmou ainda que o fado "continua muito subaproveitado enquanto motor de turismo cultural; continua a faltar representação institucional nas grandes feiras de música internacionais, e estas representações continuam a ser feitas pelos seus agentes habituais como era antes"². Ao contrário de Lopes, o editor da gravadora EMI Music, João Teixeira, afirmou que as expectativas geradas com a eleição para a lista da Unesco não corresponderam às vendas projetadas, mas, mesmo assim, houve "uma vitalidade fantástica, que já vinha de trás e que se tem traduzido no aparecimento de novos e óptimos intérpretes, renovação de repertório, de arranjos, de mais edições a conquistarem novos mercados"³. Já Francisco Vasconcelos, editor da gravadora Valentim de Carvalho, que possui em seu portfólio obras de Amália Rodrigues e de outros grandes fadistas, afirmou que o mais importante a ser destacado após a eleição foram as mudanças das vertentes do fado, resultando em uma "atitude menos ortodoxa" do gênero, conquistando novos tipos de público.

Um turismo afadistado

O processo de construção do fado em símbolo cultural musical de Portugal vem se desenvolvendo ao longo de sua história e a partir de 2011, com a eleição para a lista do Patrimônio Imaterial da Humanidade, o gênero começou a ser explorado mais fortemente como importante ferramenta turística do país, principalmente da cidade de Lisboa. Logo após a aprovação da candidatura foi transformado na principal bandeira de propaganda da entidade Turismo em Portugal, ligada ao Ministério da Economia, responsável pela promoção, valorização e sustentabilidade da atividade turística no país, sendo presença constante nas campanhas promocionais, plataformas digitais e redes sociais da entidade.

Além do fado, a Unesco fez em Portugal outras 14 classificações de Patrimônio da Humanidade, "entre centros históricos, sítios arqueológicos, paisagens culturais e parques naturais", como mostra a figura 1:



Figura 1 - Classificações de Patrimônio da Humanidade feitas pela UNESCO em Portugal

O selo de Patrimônio da Humanidade pode representar um grande negócio para países territorialmente pequenos – porém, culturalmente gigantes – e que veem no turismo um importante impulso para a sua economia. O fado faz parte do conjunto da vida cultural e social portuguesa, sendo representado até hoje nos bairros mais tradicionais da cidade como Alfama, Mouraria, Madragoa e Bairro Alto (localizados na parte central de Lisboa). Nestes bairros é possível encontrar um grande número de estabelecimentos (restaurantes, tascas, bares e teatros) que oferecem o gênero como parte de seus serviços. Muitos acreditam que nestes bairros o fado tenha se tornado apenas uma ferramenta turística, existindo (ou resistindo) em *estado natural* nos bairros de Chelas e Marvila (localizados na parte oriental de Lisboa). Este tipo de crítica reforça a ideia de que o fado tenha se transformado em instrumento turístico da cidade em detrimento de sua presença na vida social e cultural dos moradores como uma forma de lazer. Os preços cobrados pelos estabelecimentos em muitas ocasiões são altos, afugentando moradores e maximizando a presença dos turistas que vão aos bairros tradicionais à procura do gênero.

Como forma de lazer o fado podia ser encontrado até a metade do século XIX na chamada região *fora de portas*, que eram bairros mais afastados do centro de Lisboa, como Alcântara, Prazeres, Campolide, São Sebastião, Arco do Cego, Arroios, Penha da França e Santa Apolónia. Estes bairros eram usados para férias e descanso. Era possível encontrar nesses lugares pequenos estabelecimentos com comida e vinho mais barato, e também o fado. Este estilo de vida foi traduzido no tema *Dá-me o braço, anda daí*⁴ de Linhares Barbosa:

Dá-me o braço, anda daí!
Vem porque eu quero cantar!
Cantar encostada a ti
Sentir cair a luz do luar!
Cantar encostada a ti,
Até a noite acabar!
Vê que esta rosa encarnada
Lhe faz mais apetitosa?
Somos três da vida airada,
Ao pé de ti, sinto-me vaidosa!
Somos três da vida airada,
Eu, tu e mais esta rosa!
Quero sentir o prazer
De passarmos lado a lado,
Ao lado dessa mulher
Que tens agora e não canta o fado!
Ao lado dessa mulher
Com quem me tens enganado!
Depois bate-se para as hortas,
Adoro esta vida airada
Beijar-te de fora de portas,
E alta noite, à hora calada!
Beijar-te fora de portas,
E amar-te à porta fechada!

O economista e sociólogo John Urry (2001) compreende que o processo do turismo está baseado em impelir um olhar ou encarar diferentes conjuntos de cenários, paisagens e cidades que estão fora daquilo a que se está acostumado. Os bairros tradicionais constituem um espaço repleto de valores que fortalecem esta experiência do fado turístico, mesmo que o idioma não seja o mesmo de seu visitante. A experiência vivenciada nestes lugares somada à performance corporal e emocional produzida pelo gênero formam um cenário que produz “comunicação e significado” (Valverde, 1999, p.11) através das emoções das canções e dos poemas, gerando atração pela temática das letras e pela musicalidade que elas exprimem. Segundo Valverde (1999, p.11), esta “é uma forma cultural eficaz de gerar atracção”.

Esse conjunto de imagens e símbolos criados a partir dos bairros tradicionais aparece em inúmeros poemas. As palavras do poeta Ary dos Santos, musicadas por Alain Oulman, no tema *Alfama*⁵ retratam bem esta construção simbólica dos bairros tradicionais:

Quando Lisboa anoitece
Como um veleiro sem velas
Alfama toda parece
Uma casa sem janelas
Aonde o povo arrefece
É numa água-furtada
No espaço roubado à mágoa
Que Alfama fica fechada

Em quatro paredes de água
Quatro paredes de pranto
Quatro muros de ansiedade
Que à noite fazem o canto
Que se acende na cidade
Fechada em seu desencanto
Alfama cheira a saudade
Alfama não cheira a fado
Cheira a povo, a solidão,
Cheira a silêncio magoado
Sabe a tristeza com pão
Alfama não cheira a fado
Mas não tem outra canção.

Em *Ai Mouraria*⁶, de Amadeu do Vale e Frederico Valério, as mesmas características podem ser percebidas.

Ai Mouraria
da velha Rua da Palma,
onde eu um dia
deixei presa a minha alma,
por ter passado
mesmo a meu lado
certo fadista
de cor morena,
boca pequena
e olhar trocista.
Ai Mouraria
do homem do meu encanto
que me mentia,
mas que eu adorava tanto.
Amor que o vento,
como um lamento,
levou consigo,
mais que inda agora
a toda a hora
trago comigo.
Ai Mouraria
dos rouxinóis nos beirais,
dos vestidos cor-de-rosa,
dos pregões tradicionais.
Ai Mouraria
das procissões a passar,
da Severa em voz saudosa,
da guitarra a soluçar.

Nestes bairros, onde o turismo afadistado está presente, estão associadas formas de comportamento afetivo que são gerados através da interação do visitante com a canção e com os lugares, entendidos aqui como uma “mistura singular de vistas, sons e cheiros” (Tuan, 1983, p.203). O lugar é um centro fechado, íntimo e humanizados onde são atribuídos valores gerados a

partir de experiências vivenciadas – neste caso, entre o turista, os locais de representação, os fadistas e o próprio gênero.

Para Santos,

“a criação de espaços turísticos fundamenta-se na personalização de lugares e caracteriza-se por uma ordenação de signos e valores impressos às comunidades locais de tal maneira que o turismo, como um conjunto de atividades, conduz a percepções de símbolos, normas éticas, regras e valores culturais que são trocados e consumidos tanto pelos turistas que visitam os lugares e, em alguns casos, pelas comunidades visitadas.” (Santos, 2007, p.5)

A personalização, através de seus símbolos, transforma espaços, como os bairros tradicionais, em lugares do fado, onde os visitantes através da experiência afetiva vivenciada e de toda a carga histórica e simbólica que eles possuem constroem a ideia de um lugar que automaticamente lhes traz a memória do fado, de Lisboa e de Portugal.

A vivência, tanto para os turistas quanto para os moradores locais é reforçada com incentivos advindos de entidades públicas ou privadas com o objetivo de divulgar o gênero pelo país e pelo mundo. Entre estas iniciativas destacam-se o Festival de Fado de Madri, o Festival de Fado do Brasil, o Festival do Fado de Buenos Aires e o Festival Caixa Alfama. Este último foi criado e organizado pelo banco português Caixa Geral de Depósitos como o primeiro grande evento da música que simboliza a identidade lusitana em um dos bairros que é considerado uma de suas moradas artísticas e turísticas. O Festival reúne o “novo” e o “velho”, apresentando artistas de diferentes gerações por espaços até então não muito comuns, saindo das tascas e restaurantes e tomado as ruas. Iniciativas como estas apontam novos caminhos que o fado pode percorrer, tornando-se um importante instrumento para a construção de uma poderosa marca cultural e turística portuguesa.

Além dos estabelecimentos para ver e ouvir o fado enquanto representação musical, o turista também pode visitar espaços culturais e de memória a ele relacionados, como o Museu do Fado⁷, em funcionamento desde 1998 no Largo do Chafariz de Dentro n.º 1, e a Casa Museu Amália Rodrigues⁸, no n.º 193 na Rua de São Bento. O Museu do Fado é um espaço onde o turista encontra o legado de centenas de intérpretes, autores, compositores, músicos, construtores de instrumentos, estudiosos e investigadores, artistas profissionais e amadores, e de personalidades que testemunharam e construíram a história do gênero com um acervo cultural e etnográfico extremamente vasto, incorporando coleções de periódicos, fotografias, cartazes, partituras, instrumentos musicais, trajes e adereços de concertos, troféus, contratos, entre outros.

A Casa Museu, como nome já diz, foi a casa onde Amália viveu um longo período de sua vida, até falecer em 1999. A casa é abrigada pela Fundação Amália Rodrigues, instituída por ela em testamento, tendo como missão “auxiliar os mais desfavorecidos, instituições de beneficência ou de solidariedade social e nesse propósito, desenvolver todas as actividades que entender como adequadas à realização dos seus fins, sem nunca esquecer a vontade real ou presumível da sua fundadora⁹”. A casa encontra-se da forma como ela a deixou, com móveis, objetos pessoais, livros, trajes de concertos, joias e prêmios que lhe foram agraciados e que contam um pedaço da história do fado.

Considerações finais

Michel de Certeau escreveu em *A invenção do cotidiano* que o “enfoque da cultura começa quando o homem ordinário *se torna* o narrador, quando define o lugar (comum) do discurso e o espaço (anônimo) de seu desenvolvimento.” (Certeau, 1994, p.63). Com base nesta reflexão, tentar compreender o turismo do fado em Lisboa torna-se uma tarefa extremamente complexa, a partir do momento em que se entra no campo das categorias de valoração, requerendo pesquisas mais aprofundadas. O objetivo proposto neste texto foi o de apresentar uma análise das relações do fado com o turismo e seus usos para o lazer e o entretenimento dos moradores da cidade de Lisboa, recorrendo a informações do passado para entender as ações do presente, tendo como ponto de ruptura (e/ou renovação) a eleição para a lista do Patrimônio da Humanidade e as mudanças que esta promoção tenha incidido no seu desenvolvimento (e desdobramentos).

A cultura do consumo envolve um grande conjunto de imagens, símbolos, valores e atitudes que se desenvolveram com o tempo e tornaram-se produtos comerciáveis, passando a “orientar pensamentos, sentimentos e comportamentos de segmentos crescentes” (Taschner, 2000, p.39). Iniciativas como a do Festival Caixa Alfama funcionam positivamente à medida que consegue atingir o turista e o morador local, equilibrando uma balança história de inúmeras disputas.

Para Jorge Mangorrinha, professor do curso de Turismo da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias,

O fado, enquanto forte elemento identitário do País e símbolo de um património único e genuíno associado à cultura nacional, é indissociável da imagem internacional de Portugal. De um país capaz de trazer para esta expressão musical a ponte entre o que somos e o que queremos ser. Muito associado à melancolia e à saudade, o fado pode tornar-se mais do que isso, ou seja, um referencial estético de contemporaneidade criativa e genialidade artística, propulsor de uma nova energia coletiva, por um lado, e de novos caminhos, por outro, no reencontro de nós mesmos e para uma relação mais estreita com quem nos visita e ouve. Se no turismo o que conta é cada vez mais a diferença dos destinos e produtos para a captação de uma procura qualificada que valorize a nossa oferta turística, também no fado a "coisa nova" e a personalização artística serão a chave para quem quiser singrar, na poética, na composição musical e na interpretação.

Bibliografia

- BRITO, Joaquim Pais de. *O Fado – etnografia na cidade*. In: VELHO, Gilberto. (Org.). ***Antropologia Urbana – cultura e sociedade no Brasil e em Portugal***. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.
- _____. ***Fado: vozes e sombras***. Lisboa: Electa, 1994.
- _____. *Sobre o fado e a história do fado*. In: CARVALHO, Pinto de. ***A história do fado***. Lisboa: Dom Quixote, 2003.
- CARVALHO, Pinto de. *A história do fado*. Lisboa: Dom Quixote, 2003.
- CERTEAU, Michel de. ***A invenção do cotidiano***. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GRAY, Lila Ellen. ***Fado Resounding: Affective Politics and Urban Life***. Durham: Duke University Press Books, 2013.
- LOPES, Samuel. ***Fado Portugal – 200 anos***. Lisboa: SevenMuses Musicbooks, 2011.
- MANGORRINHA, Jorge. O fado, o turismo e Portugal. ***Jornal Diário de Notícias***, Lisboa, 24 setembro 2013. Disponível em: http://www.dn.pt/inicio/opiniao/interior.aspx?content_id=3437397&seccao=Convidados. Acesso em: 29 agosto 2014.
- NERY, Rui Vieira. *Para uma história do fado*. Lisboa: Público/Corda Seca, 2004.
- PIMENTEL, Alberto. *A triste canção do sul – subsídios para a história do fado*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.
- SANTOS, Cristiane Alcântara de Jesus. A produção e o consumo de espaços turísticos. ***IX Coloquio Internacional De Geocrítica - Los Problemas Del Mundo Actual. Soluciones Y Alternativas Desde La Geografía Y Las Ciencias Sociales***, Porto Alegre, 2007, *Actas do IX Colóquio Internacional de Geocrítica*. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/9porto/crisalc.htm>. Acesso em: 15 julho 2014.
- SANTOS, Vitor Pavão dos. *Amália – uma biografia*. Lisboa: Contexto, 1987.
- SUCENA, Eduardo. *Lisboa, o fado e os fadistas Volume 1*. [s.l]: Multilar, 2003.
- SUCENA, Eduardo. *Lisboa, o fado e os fadistas Volume 2*. [s.l]: Multilar, 2003.
- TASCHNER, Gisela B. Lazer, cultura e consumo. ***Revista de Administração de Empresas***, São Paulo, v.40, n.4, p. 38-47. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v40n4/v40n4a04.pdf>. [Acedido em 10 de agosto de 2014]
- TUAN, Yi-F. *Espaço e lugar – a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.
- URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagem nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 2001.

VALVERDE, Paulo. O fado é o coração: o corpo, as emoções e a performance no fado. **Etnográfica**, Lisboa/Minho/Coimbra, 1999, Vol. III (1), pp. 5-20. Disponível em: <http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_03/N1/Vol_iii_N1_5-20.pdf>. Acesso em: 20 julho 2014.

Notas

¹ Trecho disponível em: <<http://www.ionline.pt/boa-vida/fado-patrimonio-da-humanidade-trouxe-dinamica-ao-mercado-valorizou-genero>>. Acesso em: 9 setembro 2014.

² Trecho disponível em: <<http://www.ionline.pt/boa-vida/fado-patrimonio-da-humanidade-trouxe-dinamica-ao-mercado-valorizou-genero>>. Acesso em: 9 setembro 2014.

³ Trecho disponível em: <<http://www.ionline.pt/boa-vida/fado-patrimonio-da-humanidade-trouxe-dinamica-ao-mercado-valorizou-genero>>. Acesso em: 9 setembro 2014.

⁴ Disponível em: http://www.portaldofado.net/component/option,com_jmovies/Itemid,336/task,detail/id,171/

⁵ Disponível em: http://www.portaldofado.net/component/option,com_jmovies/Itemid,336/task,detail/id,144/

⁶ Disponível em: http://www.portaldofado.net/component/option,com_jmovies/Itemid,336/task,detail/id,135/

⁷ Mais informações em: <<http://www.museudofado.pt/>>. Acesso em: 9 setembro 2014.

⁸ Mais informações em: <<http://www.amaliarodrigues.pt/>>. Acesso em: 9 setembro 2014.

⁹ Trecho disponível em: <http://www.amaliarodrigues.pt/artigo-a_fundacao_amalia_rodrigues-1>. Acesso em: 9 setembro 2014.